

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIA POLÍTICA PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM
CIÊNCIA POLÍTICA

GUILHERME FERNANDES FREGONESE

Trabalho preparado para apresentação no XIV Seminário Discente da Pós-Graduação em Ciência Política da USP, de 23 a 27 de setembro de 2024.

Metodologia em pesquisas de periódicos: o caso da revista "Estudos CEBRAP".

São Paulo
Setembro de 2024

Resumo

Revistas científicas foram publicadas em diferentes contextos históricos e com distintos propósitos. Pesquisá-las significa analisar, segundo Beatriz Sarlo (1992), um banco de provas de um determinado contexto histórico, permitindo enxergar como um determinado grupo refletia em um recorte temporal e espacial específico. Já Gramsci (2001), no volume 2 de Cadernos do Cárcere, faz indicações sobre a metodologia de estudos de revistas culturais em que aponta, entre outras coisas, os periódicos como instrumentos de disputa de hegemonia. Com base nesses dois autores, a revista "Estudos CEBRAP" foi analisada entre 2020 e 2023. Publicada no Brasil entre 1971 e 1980, durante a Ditadura Militar, o periódico tinha como objetivo dar continuidade à atividade científica livre durante o contexto de censura e repressão, mas também contribuir para a organização política oposicionista do período. Tendo em vista a carência de elaborações sobre o estudo de revistas científicas, o presente artigo visa discutir como essas indicações metodológicas foram aplicadas no caso concreto da pesquisa sobre a Revista "Estudos Cebrap". Trata-se, fundamentalmente, de expor as virtudes e limitações metodológicas das considerações desses dois autores para o estudo de revistas. Primeiramente será apresentada a discussão teórica de Sarlo e Gramsci. Em seguida, se apresentará a forma pela qual as indicações desses autores foram utilizadas na prática no estudo da revista "Estudos CEBRAP". Por fim, se realizará apontamentos sobre as virtudes e limitações dessas considerações.

Palavras-chave: Revistas; Periódico; Cebrap; Estudos CEBRAP; Ditadura Militar; Gramsci

Introdução

O que significa estudar uma revista? Esta foi a primeira pergunta feita quando se deu início a pesquisa cujo objeto foi a revista Estudos CEBRAP. Publicada entre 1971 e 1980, o periódico foi a principal publicação do Centro Brasileiro de Análise e Planejamento (CEBRAP), famoso centro de estudos que durante a Ditadura Militar abrigou importantes intelectuais das ciências humanas diante do fechamento das universidades. Pesquisar nesta revista parecia, à primeira vista, simples, diante do fato de que teríamos todas as suas edições à disposição na biblioteca da universidade, além de contar com extensa bibliografia sobre o CEBRAP e diversas publicações que dialogam com artigos da revista.

Sabíamos qual era nosso objeto e onde queríamos chegar. Estávamos estudando as interpretações do Regime Militar presentes no periódico e suas dimensões políticas. Assim, estávamos interessados nas elaborações presentes nos textos que poderiam nos fornecer pistas sobre como aqueles intelectuais estavam pensando a conjuntura política e de que forma estavam se posicionando. Entretanto, o que significa estudar uma revista? Por onde deveríamos começar? Qual a ordem de leitura? Quais seriam os vícios e as potencialidades de um estudo de revista? A pergunta chave era: como estudar uma revista? Este artigo pretende demonstrar de que forma respondemos essa pergunta para o caso da revista Estudos CEBRAP. Não pretendemos, portanto, responder a questão em sua plenitude e muito menos desenvolver um manual epistemológico. A intenção é mais modesta, contribuir com o debate demonstrando como, na prática, respondeu-se a essa pergunta e quais foram os subsídios teóricos para tal. .

Duas fontes metodológicas

Em busca de uma resposta parcial a esta pergunta recorreremos a dois textos fundamentais, que se constituíram como auxílio para a formulação de questões ao longo de toda a pesquisa. Esses dois artigos não foram meras instruções metodológicas. Diferente disso, foram norteadores do conjunto do trabalho, em menor ou maior grau, desde a etapa de seleção dos textos, visita nos arquivos, passando pela análise, formulação de hipóteses e desenvolvimento das conclusões. Importante ressaltar que esses textos foram selecionados diante de uma limitação grande de material científico sobre o tema. Da mesma forma, foram selecionados por dialogarem com o objeto e a pergunta da pesquisa, ainda que necessitassem de adaptações. Provavelmente, se

tivéssemos outro objeto ou mesma outra pergunta, necessitaríamos de outros materiais como referências metodológicas.

A primeira referência metodológica foi a abordagem de Antonio Gramsci no caderno 12 dos Cadernos de cárcere (2001), em que o autor italiano elabora sobre o tema. Antes de demonstrar como analisar um periódico, o autor elabora sobre o que são as revistas e seu papel dentro do contexto social. Para ele, trata-se fundamentalmente de um conjunto de publicações organizada por um grupo homogêneo com fins de disputa de hegemonia. Assim, as revistas se constituem como publicações que visam influenciar as ideias vigentes de determinada cultura e contexto social. Organizadas por um grupo homogêneo, que possuem um sentido comum de disputa de hegemonia, o objetivo dessas publicações não estaria, portanto, em simples divulgações científicas, mas em uma disputa organizada de ideias. Essa caracterização de Gramsci é importante pois coloca as revistas dentro de um contexto de embate de ideias. Independente de seu caráter ser acadêmico, intelectual ou político, esse tipo de publicação, para o autor italiano, é organizada com esta finalidade, a disputa da hegemonia.

Um elemento que deve ser melhor discutido desta caracterização é a ideia de “grupo homogêneo”. O que isso significa exatamente? Conforme o trecho:

Através da discussão e da crítica colegiada(feita através de sugestões, conselhos, indicações metodológicas, crítica construtiva e voltada para a educação recíproca), mediante as quais cada um funciona como especialista em sua matéria a fim de complementar a qualificação coletiva, consegue-se efetivamente elevar o nível médio dos redatores individuais, alcançar o nível ou a capacidade do mais preparado, assegurando à revista uma colaboração cada vez mais selecionada e orgânica; e não apenas isso, mas criam-se também as condições para o surgimento de um grupo homogêneo de intelectuais, preparados para a produção de uma atividade “editorial” regular e metódica (não apenas de publicações de ocasião e de ensaios parciais, mas de trabalhos orgânicos de conjunto). (Gramsci, 2001)

Se considerarmos que grupo homogêneo diz respeito somente a conjunto de autores dentro de uma mesma matriz ideológica, dificilmente encontraremos alguma publicação não partidária que se encaixe nesses termos. Por outro lado, se entendermos, conforme o trecho citado, uma articulação de intelectuais organizados em torno de uma publicação regular e metódica, com trabalhos orgânicos de conjunto, conseguimos utilizar melhor o termo. A homogeneidade para Gramsci se encontra na forma como a atividade é desenvolvida, e não na pré-concepção teórica ou ideológica dos autores.

Avançando na discussão de Gramsci, chegamos na tipologia que o autor faz das revistas. Em primeiro lugar, existem as revistas “diretivas”. Este termo se refere a

publicações que visam guiar o conjunto da intelectualidade, através de ideias novas, originais, elaborações filosóficas e teóricas. O público específico deste tipo são os próprios intelectuais, e o grupo que a organiza visa disputar a hegemonia de um contexto social influenciando os produtores de pensamento através de uma publicação densa, teórica, não-regionalizada e, se possível, “original”. Em segundo lugar encontram-se as revistas “crítico-histórico-bibliográfico”. Esta categoria se refere a revistas que se dirigem a um público erudito, mas não necessariamente especializado. Diferente da revista diretiva, prioriza-se publicações de resenhas, traduções e análises empíricas e regionais. Esse tipo também pode possuir discussões teóricas ou análises mais gerais. Contudo, diferente das revistas “diretivas”, não possuem o objetivo de apresentar discussões e ideias originais para influenciar o conjunto da intelectualidade, mas sim de discutir, debater e disputar a hegemonia dentro de um ambiente culto e erudito mas não necessariamente especializado. Por fim, encontram-se as revistas de “divulgação”. Estas se dirigem ao grande público, utilizam uma linguagem mais simples e visam disputar a hegemonia dentro do grande público. As revistas jornalísticas se enquadram exatamente neste tipo, diferentemente das acadêmicas que se enquadram em um dos dois anteriores¹.

Analisando essa tipologia de Gramsci podemos cair no erro de entendê-la como uma espécie de cadeia de produção. As revistas diretivas se dirigem a um público especializado, este público por sua vez produz as revistas “crítico-histórico-bibliográfico” que se dirigem a um público erudito; este setor, por sua vez, produz as revistas de divulgação para o público geral. Contudo, Gramsci está elaborando sobre o que a revista produz e a quem se direciona, não está analisando quem a produz, ainda que entenda que isto seja fundamental de ser considerado nos estudos de revista. Não se pode cair no erro de entender a tipologia como uma cadeia hierarquizada e elitista de produção por dois motivos fundamentais. Primeiro, pois, como já citado, nada garante que o mesmo grupo não possa produzir mais de um tipo de publicação, como uma revista diretiva ao mesmo tempo que uma “crítico-histórico-bibliográfico”, visando públicos distintos. Em segundo lugar, pois não há uma linha divisória tão nítida entre as tipologias. Elas podem ter variações ao longo

¹ Gramsci exemplifica as tipologias com revistas da época: “O primeiro tipo pode ser definido pela combinação dos elementos diretivos que se encontram, de modo especializado, na *Critica* de B. Croce, na *Política* de F. Coppola e na *Nuova Rivista Storica* de C. Barbagallo. O segundo tipo, “crítico-histórico-bibliográfico”, pela combinação dos elementos que caracterizavam os fascículos mais bem elaborados do Leonardo de L. Russo, da *Unità de Rerum Scriptor* e da *Voce* de Prezzolini. O terceiro, pela combinação de alguns elementos do segundo tipo com o tipo de semanário inglês, como o *Manchester Guardian Weekly* ou o *Times Weekly*.” (Gramsci, 2001)

de suas publicações ou mesmo entre os artigos ou setores da mesma publicação. Essa consideração é fundamental para não colocarmos as tipologias como conceitos que se manifestam de forma pura na realidade.

Feita essa ressalva, cabe entender quais são as perguntas que devem ser feitas para compreender a tipologia das revistas e quais são os aspectos mais fundamentais ao se analisar uma publicação. Segundo Gramsci podemos compreender essas publicações a partir de três perguntas centrais: a maneira que as revistas são redigidas (como são feitas?), sua finalidade educativa (qual seu propósito?) e a quem querem educar (a quem se dirigem?). Para se responder essas questões o pesquisador deve verificar a existência a existência ou não de um dicionário político-científico-filosófico na revista; as biografias dos autores presentes e ausências notáveis; a análise das situações regionais no interior da obra; a existência de compilações de jornais e revistas; o aparecimento de resenhas de livros; a presença de compilações crítico-bibliográficas e o uso de traduções. Esses elementos são justamente aqueles que, para Gramsci, vão permitir ao pesquisador responder às três perguntas centrais e compreender o objeto dentro de sua tipologia.

Entretanto, para o autor italiano, não basta analisar o conteúdo da revista, pois isso pode levar o pesquisador a deixar escapar detalhes ou mesmo cair em “armadilhas”. Ao estudar um periódico seria fundamental, ao lado do estudo do conteúdo, analisar os elementos extratextuais das revistas, como a sua capa, seu conselho editorial, seus editoriais, a editora, a quantidade de circulação e todos os outros aspectos que forem possíveis de serem apurados. Nem todas as respostas para as 3 perguntas fundamentais de uma análise de revista vão ser encontradas nos textos em si. Muitas pistas serão encontradas em detalhes da revista, no contexto em que é produzida e mesmo na trajetória do grupo que a produz. São justamente esses elementos que podem elucidar questões como o público leitor da revista, a linha editorial, o projeto político da revista, entre outros aspectos. Entretanto, essa consideração não invalida a relevância de estudar conteúdo escrito. O peso que o pesquisador vai direcionar para os aspectos de uma publicação depende muito mais de qual pergunta ele está tentando responder do que de qualquer consideração metodológica.

O segundo texto que utilizamos em nossa pesquisa é “Intelectuales y revistas: razones de una práctica” de Beatriz Sarlo (1992). A autora faz uma análise das revistas de cultura, contudo, seu artigo pode ser útil para pesquisas de revistas acadêmicas. Fundamentalmente a autora entende que os periódicos são publicações que perderam

sua alma. Isto pois, diferente de livros ou obras de arte, dizem respeito ao “presente”, isto é, um contexto histórico específico que foram publicados, sendo portanto, de alguma forma, datados. Essa consideração da margem para uma ampla discussão que não pretendemos entrar aqui. Especialmente para o caso das revistas acadêmicas, que possuem artigos com discussões de longo prazo, essa consideração é no mínimo questionável. O fundamental é que Sarlo demonstra como as revistas retratam, de alguma forma, o tempo presente. Mais especificamente, a visão de um grupo específico sobre o momento por este vivido. Dessa forma, ainda que possam “perder sua aura” depois de certo tempo, se configuram como excelentes bancos de prova de um tempo, registros de como um grupo pensava sobre determinado assunto em determinado período. “*Si esto sucede con las revistas es porque son **bancos de prueba***” (Sarlo, 1992-grifo meu). Assim, mesmo que tenham perdido boa parte de sua finalidade, analisar revistas do passado se configura como um fonte histórica útil não apenas sobre a publicação em si ou o grupo que a produziu, mas sobre como aquele período era enxergado em determinado contexto.

Outro elemento importante do artigo de Sarlo é que a autora chama atenção para os riscos de se supervalorizar os editoriais

Diria mas : las editoriales son zonas poco confiables si lo que se quiere es reconstruir, en perspectiva historica, la problemática de una revista. Las editoriales son tan ostensiblemente un discurso programático, que bien se puede prescindir de ellas o, al menos, someterlas al contraste con el discurso que resulta de la disposición de los materiales. (Sarlo, 1992)

Se Gramsci (2001) está reforçando a necessidade de lermos editoriais, capaz, entre outros, Sarlo (1992) está ponderando o caso específico dos editoriais. Por serem a voz “oficial” da revista, essa fonte está recheada do discurso dos próprios sujeitos. Ainda que muitas vezes elucidativo, é preciso ponderar e investigar para não se cair numa pesquisa que tome a narrativa do objeto como verdadeira.

Por fim, vale destacar que Sarlo (1992) chama atenção para a necessidade de traduções em revistas da periferia do capitalismo como a América Latina. As traduções significam uma busca por inserir o debate intelectual e cultura do país dentro do contexto internacional mais amplo. Dessa forma, podemos entender que as traduções possuem papéis diferentes quando se analisa um periódico no Brasil ou na Itália. Gramsci (2001) coloca as traduções como característica das revistas “crítico-histórico-bibliográfico”. Contudo, seria possível constituir, no Brasil, uma

revista diretiva sem buscar traduções do que está sendo produzido de mais novo e original em outros países? Não pretendemos resolver essa questão. Contudo, essa consideração serve, ao menos, para relativizarmos o peso das traduções para compreendermos as tipologias de revista.

A Estudos CEBRAP sobre o prisma de Gramsci e Sarlo

Apresentado os dois trabalhos que se constituíram como a base teórica da pesquisa apresentaremos de que forma a utilizamos. Não poderíamos aplicar mecanicamente essas obras em nossa análise, primeiro pois seria impossível diante do fato de que os textos não se propõe a serem guias metodológicas e, em segundo lugar, pois existem especificidades do próprio objeto que impedem que isso se enquadre de forma adequada.

Antes de entrar na utilização da metodologia, vamos contextualizar a revista estudada. A Estudos CEBRAP (1971-1980) foi a principal publicação do CEBRAP. Este centro se configurou como refúgio de intelectuais oposicionistas (Lahuerta, 1999) (Baptista, 2009) (Sorj, 2001) diante do fechamento das universidades e dos partidos políticos. Abrigou intelectuais como Paul Singer, Francisco de Oliveira, Francisco Weffort, entre outros. A principal liderança do centro, ainda que o presidente tenha sido, durante esse período, Candido Procópio, foi Fernando Henrique Cardoso, que se destacou como intelectual que liderou intelectuais (Lahuerta, 1999).

Como destacamos, Gramsci (2001) fala que as revistas são produtos que formam um grupo homogêneo para disputar a hegemonia. A primeira tarefa, portanto, era compreender este grupo reunido em torno do CEBRAP que decidiu publicar a Estudos CEBRAP. A partir da leitura da bibliografia sobre o centro ficou nítido que a ideia de homogeneidade no sentido restrito do termo seria inadequada para este grupo. Dentro do centro haviam intelectuais de trajetórias muito distintas, ainda que a maioria deles tenha passado pela Universidade de São Paulo, os autores possuíam objetos de pesquisa, matrizes teóricas e posições políticas diversas. Entretanto, como salienta Kátia Baptista (2009), a unidade do centro se configurava em torno de um pensamento oposicionista ao Regime Militar. Em que pese as diferentes, que vão ficar mais nítidas a partir de 1974 e se agravar ao longo da segunda metade da década de 1970, culminando em divisões do centro e posteriormente no fim da revista (Baptista, 2009), o viés oposicionista foi presente na constituição e desenvolvimento deste centro assim como

na revista. Portanto, ainda que não seja um grupo com pensamento homogêneo, havia uma finalidade comum de abrigar a pesquisa científica em tempos de repressão e produzir um pensamento de oposição ao Regime Militar. Assim, essa finalidade comum tinha como resultado uma publicação regular e periódica como a revista, dentro de um contexto de pesquisa produzida de forma comum ou orgânica. A revista Estudos CEBRAP, ainda que possuísse uma diversidade de temas e assuntos, refletia, em menor ou maior grau a depender da edição, as pesquisas produzidas de forma coletiva dentro do centro. E, mais importante do que isso, a revista refletia justamente essa finalidade de disputa de hegemonia comum, relacionada a oposição à Ditadura Militar. Dessa forma, se enquadra, ainda que com as devidas ponderações, na ideia de Gramsci.

Esse viés comum, por sua vez, não era restrito ao CEBRAP, estava inserido dentro de um contexto em que a intelectualidade brasileira se conformava como um *partido da intelligentsia* (Lahuerta 2001). Este conceito de Lahuerta se refere ao contexto político dos anos 1970 em que intelectuais, artistas, estudantes, entre outros, de diversas linhas políticas se encontravam num “ativismo” político de sentido comum: a oposição à Ditadura Militar.

A guinada teórico conceitual seria reforçada pela vitória do MDB nas eleições de 1974. A partir desse episódio, reforçam-se os vínculos entre os intelectuais e o partido, abrindo espaço para uma participação dos intelectuais enquanto “massa”. Aos poucos, advogados, cientistas puros, filósofos, cineastas, dramaturgos, artistas plásticos, atores, economistas, estudantes... saíam de suas especialidades e se engajaram numa luta de resistência democrática. Dessa forma, passavam a compor um “partido informal”, através do qual se fazia uma política diferente da tradicional. O crescimento da frente oposicionista articulada no MDB, com os resultados dessas eleições e com a adesão da intelectualidade à luta democrática, só aumentaria o seu prestígio junto à opinião pública (Lahuerta, 2001, p. 69).

Assim, como demonstra o trecho, trata-se de “partido informal” que “atuava” com cada um dos seus “membros” de forma distinta, mas em uma direção comum. Sendo assim, havia um determinado grau de homogeneidade dentro do grupo e uma disputa para combater a Ditadura Militar. Considerando que o objetivo da pesquisa era compreender as interpretações do Regime Militar e sua dimensão política, o entendimento da finalidade da revista como uma disputa de hegemonia com viés oposicionista já situa a análise dentro de um ponto de partida fundamental para posterior aprofundamento.

No mesmo sentido, o artigo de Beatriz Sarlo ganha força ao considerarmos o objeto da pesquisa. A ideia de “banco de provas” de um tempo demonstra como a análise da revista Estudos CEBRAP poderia ser rica em informações, ao mesmo tempo

que preenche de sentido a pergunta norteadora e dá, ao pesquisador, a dimensão de que a análise da produção intelectual da publicação é uma fonte histórico de como um setor influente da sociedade estava analisando um período da história do país.

Dessa forma, compreendemos um patamar inicial do grupo que produziu a revista e o sentido de sua disputa de hegemonia. Da mesma forma, podemos enxergar como a publicação em si revela uma fonte histórica não apenas do CEBRAP, mas de um contexto histórico. Assim, podemos considerar que as elaborações de Gramsci e Sarlo podem ser consideradas dentro da análise.

Contudo, é preciso dizer que a análise de Sarlo nos fornece poucas pistas sobre a maneira de analisar a revista. Utilizamos sua consideração no sentido de enquadrar nosso objeto como banco de provas de um período histórico. Para além disso, a pesquisadora nos deu alertas importantes relativos a possíveis ilusões dos editoriais e a necessidade quase intrínseca de se publicar traduções na América Latina. Essa último aspecto é fundamental pois fornece uma fonte teórica dentro da periferia do capitalismo, próxima a nossa realidade. Entretanto, apesar desses alertas importantes, ao nos depararmos com o aprofundamento da análise, nos deparamos com uma limitação. Podemos atribuir isso ao fato de que o artigo de Sarlo refere-se a revistas culturais, e trazendo diversas considerações que não necessariamente se aplicam ao caso da Estudos CEBRAP, mas que podem ser valiosos para outros objetos. Da mesma maneira, o artigo é curto e resumido e não se propõe a ser um guia metodológico.

De forma diferente, as considerações de Gramsci nos fornecem indicações sobre como guiar a pesquisa. Em primeiro lugar, a constatação da revista como publicação de um grupo homogêneo que disputa a hegemonia, assim como Sarlo, reforçava a ideia de uma análise bibliográfica sobre o CEBRAP e o contexto histórico. Essa necessidade pode parecer básica e aparentemente óbvia, mas ainda que tenhamos iniciado o trabalho com este movimento, até a fase final, pouco a pouco, a pesquisa foi demonstrando a necessidade de reforçar e aprofundar os aspectos históricos.

Passada a primeira fase de levantamento bibliográfico sobre o CEBRAP e o contexto histórico, ainda que tenhamos retornado a esse aspecto ao longo da trajetória, se avançou para a análise do conteúdo da revista Estudos CEBRAP em si. Neste aspecto, nossa pesquisa encontrou dificuldades para fazer o levantamento, seleção e ordenação dos artigos a serem lidos. Isto é, deveria ser lido na ordem cronológica? Faríamos uma seleção temática? Por relevância? Neste aspecto, nem Gramsci e nem Sarlo nos guiavam. Como solução, optamos por organizar uma tabela com todos os

textos, separar as temáticas e autores e selecionamos 16 artigos que tratavam diretamente do objeto da pesquisa, as interpretações do Regime Militar.

Somente depois de analisar esses 16 artigos e estudar livros e outros textos que debatiam com essas obras, avançamos para outros 32 textos que se relacionam indiretamente com o tema da Ditadura Militar. Por fim, depois de realizar o mesmo movimento de analisar esses artigos e estudar obras relacionadas, passamos para a fase final de fichar todos os demais artigos e tentar “pinçar” elementos que poderiam se relacionar com a pesquisa.

Esses passos não se deram de forma tão sequencial. O estudo da bibliografia do contexto histórico e do CEBRAP foi retomada ao longo de toda pesquisa. Da mesma forma, a análise de cada um dos artigos, muitas vezes exige retornar em alguns ou avançar em outros que não estavam previstos inicialmente. Entretanto, de maneira geral, a pesquisa seguiu esses passos.

O artigo de Gramsci, ainda que não tenha contribuído na organização da pesquisa, dirigiu perguntas que o pesquisador levou para todos os textos. Em toda pesquisa buscava-se compreender a quem aqueles artigos estavam se dirigindo e qual a finalidade educativa (propósito) diante do contexto histórico e social. Em paralelo, como forma de compreender qual a tipologia da revista estudada, observa-se se os artigos eram resenhas, textos teóricos, traduções, análises empíricas, e os outros elementos destacados por Gramsci.

Além desses passos para analisar o conteúdo da revista, conforme a sugestão de Gramsci, observamos outros aspectos da revista, como editoriais, capa, conselho editorial. Ao final, o objetivo era compreender todos os elementos possíveis da revista para além dos artigos em si. Para isso, priorizamos a análise do material físico, pois a digitalização da revista dentro do site do CEBRAP continha apenas os artigos, e não a versão completa das revistas.

Essa etapa da pesquisa foi dificultada pela pandemia. Como iniciou-se em 2020, houveram apenas 3 meses de acesso aos arquivos na biblioteca, e a análise dos arquivos do CEBRAP só foi possível em 2022. Desta forma, só fomos visitar esses documentos após a análise dos artigos, o que prejudicou a pesquisa exigindo mais tempo, mas felizmente não comprometeu o trabalho. Na visita ao arquivo pudemos observar os relatórios de atividade do Centro, e através deles foi possível compreender melhor a organização e os planos do centro. Da mesma forma, encontramos um relatório da Fundação Ford, que financiou o CEBRAP e continha uma página sobre a revista que foi

extremamente reveladora, pois a Fundação Ford chegou a elogiar a grande circulação e sucesso da publicação, mas sugerir que se aumentasse os artigos empíricos. Esse relatório é datado de 1974 e a mudança foi constatada em nossa análise, relevando uma interferência externa dentro do periódico. Da mesma forma, alguns apontamentos dos relatórios de atividades e outros arquivos também ajudaram a elucidar a compreensão sobre a finalidade e o público da revista. Um dos exemplos mais emblemáticos foi a edição especial que re-publicou alguns artigos de grande repercussão e citou o sucesso da revista dentro do público estudantil, revelando a quem a revista se dirigia.

Extraindo conclusões a partir de Gramsci

Realizadas as etapas de desenvolvimento da pesquisa, falaremos sobre as conclusões que conseguimos extrair a partir das considerações de Gramsci. Destacamos, neste trecho do artigo, os 3 aspectos em que pode-se notar a influência das ideias desse autor nas conclusões da pesquisa.

Em primeiro lugar destacamos que a análise dirigida pelas perguntas de Gramsci foram centrais para a compreensão central de nossa dissertação, conforme explicitado no trecho:

Em nossa análise, entendemos que **a *Estudos CEBRAP* constituiu-se como uma plataforma de elaboração teórica do partido da *intelligentsia***. Ou seja, não se tratava de veicular as ideias dos autores, nem de dialogar com a opinião pública, mas sim de buscar uma elaboração intelectual para fornecer os subsídios teóricos à atuação política do *partido da intelligentsia*. A revista seria, portanto, uma segunda camada de debate e elaboração intelectual, mais profunda e densa que a primeira, representada pelo semanário Opinião. A partir das pesquisas do CEBRAP, e sempre em diálogo com elaborações de intelectuais de fora do Centro e do país, o periódico fomentava o debate público dentro da intelectualidade e na militância oposicionista. Portanto, tratava-se de compreender a economia mundial, o país e, sobretudo, o Regime Militar, para qualificar a ação política. Desse modo, ainda que o público-alvo possa ser considerado o partido da *intelligentsia*, podemos compreender que se tratava principalmente de uma camada de dirigentes e formuladores presentes nesse partido. (Fregonese, 2024, p.47)

As questões: a quem se dirige; como é redigida; qual a finalidade; foram a base da pesquisa que chegou a tal conclusão. Essa análise dirigida, somada a compreensão do período da intelectualidade dos anos 1970 como um *partido da intelligentsia*, foi o que permitiu concluir que o periódico se constituía como uma plataforma de elaboração teórica e política. Ou seja, a sua finalidade era, fundamentalmente, uma disputa de

hegemonia dentro de uma intelectualidade dispersa e diversa, mas com viés oposicionista. Tratava-se, portanto, de disputar o rumo que a oposição à Ditadura Militar teria. Se boa parte da oposição estava, durante os anos 1970, sofrendo derrotas na luta armada, a revista Estudos CEBRAP era um espaço para intelectuais oposicionistas utilizarem as armas da crítica para embasar a disputa política central do período.

O periódico não era uma revista de divulgação, que dialogava com o público amplo e buscava disputar a hegemonia do conjunto da sociedade. Por outro lado, ao se direcionar a estudantes e à intelectualidade, visava influenciar e subsidiar teoricamente os rumos que a oposição teria no país. Em um primeiro momento, de 1971 a 1974, o objetivo era encontrar as brechas do Regime Militar dentro de um contexto de euforia causado pelo Milagre Econômico que dificultava a crítica. Já num segundo momento, de 1975 a 1980, trava-se de aprofundar essas críticas e encontrar saídas para uma reconstrução do país dentro do contexto de abertura.

Em suma, foram as perguntas elaboradas por Gramsci que, ao se confrontarem com o objeto específico da pesquisa, lançaram luz a pergunta norteadora da pesquisa.

A segunda constatação diz respeito à tipologia da revista, conforme está escrito na dissertação:

“Diante dessa consideração, queremos colocar uma ideia que auxilia na compreensão teórica e política da Estudos CEBRAP. A partir de sugestões de Gramsci, expostas na Introdução da dissertação, apontamos que o periódico se configura como uma revista que apresenta elementos diretivos, mas que é sobretudo “crítica-histórica-bibliográfica”. O sentido diretivo está presente especialmente na medida em que entendemos as interpretações da revista referentes ao Regime Militar como tendo influência na intelectualidade dos anos 1970, a ponto de cumprir, até um certo ponto, um papel de direção teórica desse setor. (...) Por outro lado, esse não era o caráter mais marcante do periódico. A Estudos CEBRAP publicou inúmeras pesquisas empíricas, traduções e artigos com os mais diferentes temas e abordagens. Se dirigia, assim, a um público intelectual, não necessariamente especializado, mas relativamente erudito. Executava, então, um debate bibliográfico, vinculando resenhas críticas e abordagens panorâmicas sobre diferentes assuntos. Nesse sentido, constitui-se como revista “crítica-histórica-bibliográfica”. Consideramos esse caráter como predominante na publicação pois, na análise dos seus 144 textos, ainda que tenhamos encontrado interpretações que buscassem inovar conceitualmente e realizar um debate amplo sobre a compreensão da realidade brasileira, estes são minoritários. A maioria dos artigos são traduções, resenhas, estudos empíricos, artigos sobre temas particulares, entre outras iniciativas que não se enquadram numa revista “diretiva”. “(Fregonese, 2024 p.122-123)

Dessa forma, a revista se encontra entre um tipo diretivo e “crítico-histórico-bibliográfico”. No aspecto diretivo, buscava disputar os rumos dentro da própria intelectualidade e influenciá-la com as teses que estavam presentes dentro dos seus autores. A teoria da dependência de Fernando Henrique Cardoso é tema constante na revista de polêmicas e de discussão teórica. Sua trajetória como “*intelectual que dirige intelectuais*” (Lahuerta, 1999) reforça essa ideia. Entretanto, seria errôneo colocá-la como inteiramente diretiva. Primeiramente, pois seu público era fundamentalmente estudantil, público erudito mas não especializado, e que se constituía como a base de um partido informal como o “*partido da intelligentsia*”. Em segundo lugar, pois a maioria de seus artigos são resenhas, tradução, trabalhos empíricos, polêmicas, e elaborações regionais (nacionais) relativas, sobretudo, à Ditadura Militar, e não temas teóricos e universais.

Essa categorização da revista, aparentemente abstrata e pouco útil, da robustez às conclusões já apontadas, que indicam a publicação como uma plataforma de elaboração teórica desse *partido da intelligentsia*. Para além disso, auxilia na tarefa de compreensão das múltiplas facetas que o periódico possuía. A revista era sobretudo “crítico-histórico-bibliográfico”, destinada a veicular ideias dentro de um público majoritariamente estudantil. Divulgava artigos relacionados às pesquisas produzidas dentro do CEBRAP, assim como buscava trazer ideias estrangeiras com traduções ou publicações de autores externos ao centro e estrangeiros. Para além disso, e principalmente, fomentava o debate regional acerca da situação do Brasil e buscava encontrar brechas na Ditadura Militar para subsidiar a crítica. Esses elementos eram os centrais dentro da revista. Essas características, todas relativas a tipologia “crítica-histórico-bibliográfico” davam sentido e uma relativa homogeneidade à publicação dentro de sua diversidade de temas, matrizes teóricas e posicionamentos conjunturais.

Por outro lado, em torno de algumas figuras, especialmente Fernando Henrique Cardoso e José Arthur Giannotti, existia a busca por temas universais e o anseio por elaborar sobre questões filosóficas e teóricas de maneira aprofundada. Esses intelectuais, em suas publicações dentro da revista, estavam preocupados não apenas com a crítica do Regime Militar, mas em influenciar o conjunto da intelectualidade. Como o objetivo de nossa pesquisa era a compreensão das interpretações do Regime Militar e as dimensões políticas dessas, não nos aprofundamos tanto nesses temas. Não apenas devido ao objetivo, mas também pela consistência do próprio objeto. Como já

mencionado, o elemento diretivo era diminuto na revista, não preponderante. Só identificamos tal sentido nesses dois autores.

Importante ressaltar também que a ideia de uma revista sobretudo “crítico-histórico-bibliográfico” com alguns elementos diretivos reforça a já apontada ideia de que as categorias de Gramsci não aparecem necessariamente de forma pura na realidade, existindo oscilações e variações. A principal contribuição desta tipologia, como foi no caso da pesquisa, é auxiliar na compreensão da finalidade, público e composição da revista.

Em terceiro e último lugar, é preciso reforçar que os elementos extratextuais foram determinantes para se chegar em conclusões. Se não fosse realizadas observações dos editoriais, capas, relatórios, entre outros, as conclusões da pesquisa teriam sido muito mais limitadas. Especialmente o relatório da fundação Ford, os relatórios de atividade e a edição especial da revista tornaram possível afirmar que o público alvo da revista tratava-se do *partido da intelligentsia*. Frisamos esse aspecto pois isso demonstra como esses detalhes que Gramsci chamou atenção auxiliam não somente na fase de enquadramento do conceito de revista, na análise dirigida ou na formulação de hipóteses, mas também na apuração mais precisa dos fatos. A elaboração de Gramsci de que é fundamental olhar para os aspectos extratextuais permite ao pesquisador, não apenas formular sobre o conteúdo da revista, mas verificar hipóteses já formuladas e constituir uma apuração mais aproximada da realidade.

Considerações finais

Diante da pesquisa realizada sobre a revista Estudos CEBRAP constatamos que as considerações de Sarlo e, especialmente, de Gramsci, tiveram fundamental importância. Através da elaboração de Sarlo das revistas como “banco de provas” pudemos localizar o objeto como fonte de compreensão histórica de um período da intelectualidade brasileira e, em algum aspecto, ainda que reduzido, de um contexto político e social da história do país. Além disso, a autora nos ajuda a olhar com cautela para os editoriais e, de maneira distinta, as traduções. Entretanto, ainda que seja uma fonte importante, as elaborações de Sarlo não fornecem uma base metodológica consistente para o desenvolvimento da pesquisa. Afinal, isso não se tratava, de maneira nenhuma, do objetivo da autora.

De outra maneira, através de Gramsci foi possível realizar uma “análise

dirigida” dos conteúdos das revistas, assim como classificá-lo dentro de uma tipologia que serviu como conceito chave para caracterizar o periódico, elaborar hipóteses e chegar em conclusões. Além disso, Gramsci auxilia o pesquisador a olhar com atenção todos os aspectos da publicação, textuais e extratextuais, mesmo aqueles que poderiam ser deixados de lado.

Entretanto, é preciso destacar que esse auxílio metodológico só foi possível com algumas adaptações das ideias dos autores. Sarlo se refere a revistas culturais, não acadêmicas. Já Gramsci fala de um contexto histórico e geográfico distinto do nosso objeto. Em que pese isso, as formulações dos autores, mesmo que não tenham um encaixe perfeito, contribuíram para o desenvolvimento da pesquisa e a extração de conclusões.

Esse auxílio que as elaborações teóricas dos dois autores forneceram só foi possível pois se encaixavam com o objeto e objetivo da pesquisa. Como o CEBRAP foi um centro de pesquisa inserido num contexto histórico em que a intelectualidade obteve um papel relevante na política do país (Sorj, 2001), a ideia de disputa de hegemonia e de “banco de provas de um tempo” combinaram-se na pesquisa.

A dificuldade de encontrar outros subsídios metodológicos para a pesquisa não significa que eles não existam. Assim como a utilização de Gramsci e Sarlo para essa pesquisa não significa que teriam a mesma utilidade em qualquer situação. Contudo, ao pesquisar um periódico que continha sua finalidade intrinsecamente ligada a uma disputa política de um período específico, esses dois autores tiveram um bom “encaixe” com o objeto e se tornaram determinantes em quase todas as etapas da pesquisa.

Referências Bibliográficas

BAPTISTA, Kátia Aparecida. O CEBRAP como centro de referência para as ciências sociais nos anos setenta. 2009. 275 f. Tese (Doutorado) - Curso de Sociologia, Departamento de Antropologia, Política e Filosofia, Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (Unesp), Araraquara, 2009.

GRAMSCI, Antonio. Cadernos do cárcere, volume 2: Os intelectuais. O princípio educativo. Jornalismo. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.

Fregonese, Guilherme. Entre a ciência e a política: uma análise da revista Estudos

CEBRAP. Dissertação (mestrado) - Departamento de Ciência Política, Universidade de São Paulo. São Paulo, 2024.

LAHUERTA, Milton. Intelectuais e resistência democrática: vida acadêmica, marxismo e política no Brasil. *Cadernos AEL*, Campinas, v. 8, n. 14/15, 2001. Disponível em: <https://ojs.ifch.unicamp.br/index.php/ael/article/view/2492>. Acesso em: 20 set. 2023.

LAHUERTA, Milton. Intelectuais e transição: entre a política e a profissão. 1999. Tese (Doutorado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 1999.

SARLO, Beatriz. Intelectuales y revistas: razones de una práctica. *América: Cahiers du CRICCAL: Fait partie d'un numéro thématique: Le discours culturel dans les revues latino-américaines, 1940-1970*, n. 9-10, p. 9-16, 1992.

SORJ, Bernardo. A construção do intelectual do Brasil contemporâneo: da resistência à ditadura ao governo FHC. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.